



FERNANDO PELLOUTIER

Notavel militante do Sindicalismo

Nasceu em Paris, a 1 de outubro de 1867

Faleceu a 13 de Março de 1901

FERNANDO PELLOUTIER

Nasceu em Paris, a 1 de outubro de 1867.

Descendente de uma família burgueza, fez os seus estudos primários em Paris e os seus estudos classicos primeiro no pequeno seminário de Guérande (d'onde foi expulso, ao cabo de trez anos, após duas tentativas frustradas de evasão), em seguida no collegio de Saint-Nazaire que abandonou depois de ter sossobrado no bacharelato.

Em 1885, ainda colegial, colabora na *Démocratie de l'Ouest* dirigida por um operario tipografo, Eugenio Courromié, depois funda sucessivamente *L'Épingle*, *Ruy Blas* e *La Prage*, pequenas revistas literarias que toem a sorte das flores «que a manhã vê nascer e a tarde vê morrer».

Nas eleições geraes de 1889, sustenta, sem successo, no *Ouest Républicain*, jornal criado para o caso, a candidatura radical de Aristides Briand, que depois foi secretario do comité geral do Partido socialista e hoje é presidente do conselho de ministros. Em 1891, occupa o logar de redator em chefe da *Démocratie de l'Ouest* e reúne como colaboradores Guesde, Vaillant, Laurin, Brunelière, Caumeau, etc. Filia-se no Partido Operario Francez, do qual com alguns amigos constitue em Saint Nazaire uma secção, a *Emancipation*. Indo para Paris no começo de 1893, separa-se imediatamente do partido marxista e liga-se com diversos escritores anarquistas que o orientam sem dificuldade para as idéas libertarias. Colabora no *Avenir social*, de Dijon, e na *Art Social*, dirigida por Gabriel de la Salle. Delegado no ano seguinte pela Federação das Bolsas de Trabalho ao congresso nacional operario que se realizou em Nantes no mez de setembro de 1894, aí defendeu a greve geral que já fizera votar dois anos num congresso celebrado em Tours (setembro de 1892) pela Federação dos Trabalhadores Socialistas de Oeste (partido broussista). Entretanto publica, só ou de colaboração com seu irmão Mauricio, muitos estudos, tanto na *Revue socialiste* como na *Société Nouvelle*, de Bruxellas. Uma primeira brochura — *Que é a greve geral?* escrita por ele de colaboração com Henri Girard, vem a publico.

Em 1895, Fernando Pelloutier entra para a associação dos Cavaleiros do Trabalho franceza (de que em 1898 veio a ser secretario geral), começa a colaborar nos *Temps Nouveaux* e é nomeado secretario da Federação das Bolsas (posto que conservou até á sua morte, mostrando nele uma competencia extraordinaria), e secretario do comité d'ação da Vidraria operaria. Enviado pela Federação ao Congresso de Nimes (junho de 1895), apresentou sobre esta organização dois relatorios, dos quaes um, afirmando as theorias libertarias, professa que o ezito da Revolução necessita temporariamente a concentração e disciplina das forças operarias. O *Euclos*, editado por Lumet, conta-o entre os seus colaboradores. Uma segunda brochura aparece: *Método para a criação e funcionamento das Bolsas do Trabalho*.

Em 1896, a *Art Social* publica-lhe duas novas brochuras: *A Arte e a Revolta e Organização corporativa e Anarquia*; e a *Ciencia Social*, de Barcelona, insere o seu trabalho — *A anarquia burgueza*.

O ano 1897 é assinalado pela fundação do *Ouvrier des deux mondes*, revista mensal d'economia social, que se torna, após o congresso de Tolosa (setembro de 1897) o órgão da Federação das Bolsas e que desaparece em 1899, alguns mezes depois da fundação do *Journal du Peuple*, onde Pelloutier assina o movimento social. Em novembro de 1897 publica a brochura: *Os sindicatos em França*.

Entretanto os seus multiplos trabalhos prejudicavam-lhe a fraca constituição. Volta do Congresso de Rennes

(setembro de 1898) afono, estenuado, escarrando sangue, e cae de cama. Um instante alarmado, pensa em tratar-se seriamente, em seguir um regime, em dar alguma tranquillidade ao cerebro que não conheceu nunca, por um minuto que fosse, o repouso necessario. Mas apenas fóra de perigo, a paixão da idéa é superior ás suas boas resoluções. A voz potente não queria calar-se; a pena infatigavel não queria descançar. Comtudo, por conselhos imperiosos dos medicos, decide-se, na primavera de 1899, a deixar Paris e a ir instalar-se em Burgères-de-Sèvres, a dois passos da mata de Mendon. Era tarde. A horrivel tuberculose — pois este mal, de marcha paciente e segura é que o atingira — proseguiu os seus estragos a despeito dos cuidados mais apropriados, mais energicos e mais dedicados, determinou logo em agosto uma grave recaída, e veio a matá-lo a 13 de março de 1901, em pleno vigor intelectual, após seis mezes de horriveis sofrimentos suportados estoicamente.

Tendo-se reposto d'aquella recaída, obteve, por intermedio de um amigo, o modesto cargo de «Enquêteur à l'Office du Travail» (no ministerio do Comercio), que o livrou da miséria, mas que lhe valeu tão fortes censuras, apesar de as funções desse cargo não o impedirem de combater afincadamente os projéto hibridos do ministro, o pseudo-socialista Millerand!

Antes de succumbir, teve a alegria — a maior talvez da sua vida — de ver aparecer a *Vida operaria em França*, livro em que trabalhava com seu irmão Mauricio desde 1893 e que, com uma relação do Congresso Geral do Partido socialista francez (3-8 de dezembro de 1899) completa a lista das obras devidas a uma pena posta exclusivamente ao serviço da classe operaria.

Alguns camaradas comunistas-anarquistas poderão differir de opinião sobre a tatica preconizada por Pelloutier, mas o ardor das convicções do grande organizador e o calor que sempre pôz em defende-las são garantia de que tinha as simpatias de todos os camaradas sinceros. — «Opõe á ação politica uma ação economica forte, poderosa, tal era — escreve Paulo Delesalle — o sonho que ele tinha concebido e que, tomando campo, se tornou quasi uma realidade. Sabia e gostava de dizer que a burguezia capitalista só concede aos trabalhadores o que eles são capazes de exigir; e via na organização e na força dos sindicatos operarios um meio de constringer a sociedade burgueza a capitular.»

Morreu aos 33 anos, deixando o ezemplo duma bela vida toda ao serviço duma idéa, e, coisa excessivamente rara na nossa sociedade corruta, todos os seus atos foram o reflexo da idéa.

O povo que ele tão profundamente amou não esquecerá a sua memoria.

A CONQUISTA DO PODER POLITICO

Vejamos o que pensava a Internacional sobre este assunto.

A sétima questão apresentada no congresso de Lausanne dizia: «1.º A privação das liberdades politicas não é um obstaculo á emancipação social dos trabalhadores e uma das principaes causas de perturbação social? 2.º Quaes são os meios de apressar o restabelecimento das liberdades politicas? 3.º Não será isto a reivindicação para todos os trabalhadores, do direito ilimitado de reunião, e da liberdade ilimitada da imprensa?» O Congresso respondeu: «Sim, a privação das liberdades politica. é um obstaculo

á emancipação social dos trabalhadores; . . . por toda a parte, onde se empregam restrições aos direitos. . . *de se reunir, de falar e de escrever*, a ação da Associação internacional só poderá ser muito lenta e de bem fracos resultados. Por consequencia, a Comissão propõe ao Congresso, que faça a seguinte declaração: «Considerando que a privação das liberdades politicas é um obstaculo á *instrução* social do povo e á emancipação do proletariado, declara: 1.º que a emancipação social dos trabalhadores é inseparavel da sua emancipação politica; 2.º que a criação das liberdades politicas é uma primeira medida de absoluta necessidade.»

A estas palavras, o meu interlocutor, redobrou de intenção.

— Vejo, lhe digo eu, que comprehendeste. O Congresso de Lausaane realison-se em 1867. A Alemanha era governada por Bismarck, a França por Napoleão III. Na Alemanha, em França, na Austria, não era conhecido o direito de falar nem o direito de escrever; a Internacional estava proscrita e era proibido filiarem-se nela. A Internacional declara, que enquanto este regimen de compressão durar, ser-lhe-ha impossivel *instruir* os trabalhadores e por consequencia semear nos seus espiritos o germen revolucionario. Que os trabalhadores reclamem pois todos os direitos possiveis, e terão apressado a hora da liquidação social. Isto é pretender que os socialistas, devem, por bem ou por mal, servir-se do parlamentarismo, sob pena de escomunhão?

— E nunca a Internacional disse outra coisa?

— Nunca. . . Perdão, muitas vezes confirmou esta doutrina, puramente circumstancial, e que todos os internacionalistas, mesmo os anarquistas, professavam. Nos seus estatutos e no verso dos cartões entregues por ela ás sociedades adherentes, dizia: A emancipação economica dos trabalhadores é o grande fim ao qual todo o movimento politico *deve ser subordinado* como meio. E foi por isso que, encontrando na greve geral um meio mais eficaz de que o parlamentarismo, ela se pronunciou pela generalisação das greves. Mesmo, no famoso congresso de Chaux-de-Fonds (4 de abril de 1870) os futuros marxistas, declarando absolutamente necessaria a participação dos trabalhadores nas lutas eleitoraes, acrescentaram: «Entenda-se bem: nós não julgamos que se possa chegar á emancipação pela via da representação operaria nos conselhos legislativos e eze cutivos. Sabemos muito bem que os regimens atuaes devem necessariamente ser suprimidos; queremos somente servir-nos da representação como meio de agitação.» Enfim, os proprios bakuninistas, pelo paragrafo 4 dos estatutos da *Aliança*, aceitavam toda a ação politica tendo por fim immediato e diréto o triumpho da causa dos trabalhadores contra o capital. Te-lo iam eles feito se esta accitação não tivesse sido limitada, no proprio espirito da Internacional, por circumstancias de tempo e de logar e pela vontade absoluta dos adherentes de todos os paizes?

— Certamente, que não.

— Não receeis pois que o vosso desafeto ao parlamentarismo esteja em contradicção com os principios da Internacional. Tanto como nós, a Internacional sabia o que tinha a esperar dos legisladores e dos pretensos socialistas, que prégam a conquista dos parlamentos. Se vós, trabalhadores, julgaes que as leis «operarias» vos são nefastas, e que, por consequencia, não deveis favorecer a sua elaboracão, não hesiteis em vos separar daqueles que as reclamam. Não só toda a sua cultura intelectual é insufficiente para os iniciar nos problemas do trabalho, mas são ambiciosos que só pensam em entrar para o ministerio e que vos governariam mais despoticamente ainda de que os Guyot e os Dupuy.

Fernando Pelloutier